



Editora Fundação Fênix

SER PARA SI:

Dialética entre Idealidade e Realidade



**Agemir Bavaresco
Jair Tauchen
João Salles Jung**
Orgs.

O evento VI LEITURAS DA LÓGICA DE HEGEL, ocorreu de 25 a 26 de maio de 2022. Continuamos a estudar a *Ciência da Lógica* de Hegel, a *Doutrina do Ser* no seu 3º capítulo: A. O ser para si; B. Uno e Múltiplo; C. Repulsão e atração; Observação. Os Grupos que participaram do evento foram os seguintes: Fortaleza (UFC), Goiânia (UFG), Marília (UNESP), Porto Alegre (PUCRS/UFRGS/UNISINOS), Recife (UNICAP), ABC paulista (UFABC) e Rio de Janeiro (UFRJ/UFF).

Agradecemos aos grupos de pesquisa que participaram do evento, bem como aos pesquisadores que escreveram os seus textos para esse livro. Desejamos uma instigante e relevante leitura!

Os Organizadores



Editora Fundação Fênix



Agemir Bavaresco
Jair Tauchen
João Salles Jung
(Organizadores)

**Ser para si:
Dialética entre Idealidade e Realidade**



Editora Fundação Fênix

Porto Alegre, 2022

2. Dialéticas do Ser para si: realidade x idealidade



<https://doi.org/10.36592/9786581110949-02>

Christian Iber¹

Agemir Bavaresco²

Resumo

O ser para si no final da 1ª seção da *Doutrina do Ser* de Hegel apresenta o movimento das categorias do ser para si como dialética da realidade e da idealidade, do uno e múltiplo e da repulsão e atração. O objetivo é explicitar como a qualidade alcança na categoria do ser para si o seu momento mais elevado que implica a sua superação para a quantidade. Ou seja, o que constitui a necessidade lógica da suprassunção da qualidade em quantidade? Em primeiro lugar, descrevemos a dialética do ser para si e do ser para uno e a dialética do uno e do múltiplo; depois, reconstruímos a dialética da repulsão e da atração sendo, de um lado, a crítica do conceito de matéria entendida como força a priori externa; e de outro, a elaboração do conceito de matéria a partir de uma nova metodologia epistemológica que estrutura a ontologia hegeliana. Enfim, tratamos da transição do ser para si qualitativo para a ser quantitativo como estruturação da lógica no processo de avanço da determinação das categorias mais abrangentes da *Doutrina do Ser*. A dialética do ser para si situa-se na transição da qualidade para a quantidade como uma virada onto-epistêmica que aponta a importância da transformação da substância em subjetividade conceitual.

Palavras-Chave: Realidade-idealidade, uno-múltiplo; repulsão-atração; quantidade; matéria; ontologia; epistemologia.

Abstract

Being for itself at the end of the 1st section of Hegel's *Doctrine of Being* presents the movement of the categories of being for itself as dialectics of reality and ideality, of the one and the multiple and of repulsion and attraction. The objective is to explain how quality reaches its highest moment in the category of being, which implies its surpassing for quantity. In other words, what constitutes the logical necessity of the supposition of quality in quantity? First, we describe the dialectic of being for itself and being for the one and the dialectic of the one and the multiple; then, we reconstruct the dialectic of repulsion and attraction being, on the one hand, the critique of the concept of matter understood as an external a priori force; and on the other hand, the elaboration of the concept of matter from a new epistemological

¹ Docente particular no Instituto de Filosofia da Freie Universität Berlin; desde o semestre de inverno 2020/21, professor substituto de filosofia moderna e contemporânea na Faculdade de Filosofia de Albrecht-Ludwigs-Universität Freiburg. E-mail: <iber_bergstedt@yahoo.de>.

² Professor do PPG Filosofia PUCRS. <https://orcid.org/0000-0002-7967-4109> - E-mail: <abavaresco@pucrs.br>.

methodology that structures the Hegelian ontology. Finally, we deal with the transition from being to itself qualitative to being quantitative as a structuring of logic in the process of advancing the determination of the most comprehensive categories of the *Doctrine of Being*. The dialectic of being for itself is situated in the transition from quality to quantity as an onto-epistemic turn that points to the importance of transforming substance into conceptual subjectivity.

Keywords: Reality-ideality, one-multiple; repulsion-attraction; the amount; matter; ontology; epistemology.

Introdução

Hegel, em sua 1ª seção da Lógica do Ser, a Qualidade apresenta as categorias do Ser, do ser aí e do ser para si. A qualidade é a determinação fundamental do ser imediato em seus dois momentos dialéticos iniciais entre o ser e o nada. O limite e a negatividade são neste momento idênticos ao ser de algo, porém, na mudança de algo a identidade torna-se diferença. Então, o ser algo torna-se ser para outro, portanto, está fora ou no exterior da unidade imediata inicial. Essa relação entre algo e outro é uma contradição qualitativa que conduzirá o ser à finitude. Na infinitude o ser finito é suprassumido e alcança o ser para si.

A relação entre o conceito de objeto externo e os conceitos Ser aí e Ser para si, tal como são tratados na Lógica de Hegel, apresenta, inicialmente, um modelo para o processo de derivação de conceitos de que Hegel se vale no início da *Doutrina do Ser*. Depois, apresenta a derivação do conceito Ser para si a partir do conceito Ser aí, isto é, examina mais de perto, o modo como os conceitos Ser aí e Ser para si se relacionam com o conceito de objeto externo, mostrando como o primeiro mantém os objetos externos como externos a si, enquanto o segundo os internaliza em forma idealizada, por suprassunção. Finalmente, mostra que o ponto de vista do atomismo filosófico complementa esse processo de internalização, pois consiste essencialmente em projetar objetos idealizados sobre objetos exteriores, como modo de explicação (lógico-metafísica) da natureza destes últimos.

Considera-se, em termos gerais, como essa construção hegeliana do conceito de atomismo filosófico esclarece o modo como a ciência contemporânea se apropriou do processo explicativo atomístico, baseado na projeção de objetos idealizados ou modelos teóricos para a explicação dos objetos externos.

O ser para si, na relação com o outro que é o objeto externo, consegue supracumprir a relação com o outro em sua autorrelacionalidade. Enquanto a consciência como tal está localizada no reino da finitude por causa de sua oposição ao objeto externo, a autoconsciência é o exemplo mais próximo da presença da infinitude. O ser para si pode, portanto, explicar a relação entre a autoconsciência e o infinito. O ser para si, como a autoconsciência é apresentada na *Fenomenologia do Espírito*, ainda não representa o todo plenamente realizado, ou seja, como o conceito ou a ideia realizada. O ser para si supracumpra a relação com o outro dentro si mesmo e, ao mesmo tempo, nega o outro nele mesmo. O ser para si é, portanto, em última análise, reduzido ao ser para si que é o uno. Esse é o destino do ser para si, pois ele representa a estrutura da infinitude apenas na finitude.

Hegel distingue assim um significado afirmativo e um polêmico e deficiente do ser para si. O ser para si é o ser infinito no finito. O ser para si é o ser infinito em aflição, na estreiteza do ser finito.

O ser para si (a autoconsciência) é apenas o princípio do idealismo subjetivo. O atomismo filosófico (uno e múltiplos) é uma consequência necessária do déficit do ser para si. Em geral, a lógica é o fundamento da natureza e do espírito. Em particular, vale para a lógica do ser para si: Ser para si é o fundamento lógico da autoconsciência (momento do espírito), o Uno e Múltiplos são o fundamento lógico dos átomos (princípios do materialismo filosófico natural antigo) e da mônada de Leibniz (princípio de um pluralismo idealista).

A lógica constitui o fundamento lógico tanto da consciência/autoconsciência como do atomismo físico-químico e do pluralismo idealista. A autoconsciência é baseada na estrutura lógica do ser para si, a consciência sobre a finitude do ser aí. A consciência já está contida, implicitamente, na autoconsciência e, inversamente, esta já está contida, implicitamente, na consciência, pois, sem autoconsciência não há consciência. A autoconsciência está associada ao ser para si, a consciência ao ser aí. Assim como a consciência e a autoconsciência são exemplos da estrutura lógica do ser para si, o atomismo e os átomos são exemplos da estrutura lógica do ser para si que é o uno.

A quantidade não é uma perda em relação à qualidade, como uma visão romântica vulgar poderia pensar, ou uma versão marxista romântica (Bloch,

Marcuse), mas um ganho em "igualdade consigo mesmo" na sua alteridade em quantificação. O infinito quantitativo é a forma mais sustentável do que o infinito qualitativo. A dissolução do finito no infinito, a fuga do finito para o além do infinito é a proposta dos românticos. O infinito como um "retorno da fuga", essa é a solução crítica de Hegel para o problema do infinito em oposição aos românticos.

Aqui, podemos identificar uma crítica às ciências naturais feita pelos marxistas (Ernst Bloch, Herbert Marcuse etc.). Eles queriam eliminar o quantitativo das ciências naturais, portanto, defendiam um reducionismo qualitativo. Eles não percebiam que as ciências naturais quantificam qualitativamente a natureza, e, com isso, aplicam relações de medida à natureza. A lei da natureza mostra que as diferenças qualitativas de seus momentos encontram sua determinidade na quantidade, devido à exterioridade da natureza. Os marxistas românticos defendiam uma ciência natural qualitativa e ignoravam os avanços da ciência natural no que diz respeito à apreensão do real.

As ciências naturais apreendem matematicamente a dimensão externa da natureza aplicando as leis na natureza. A experiência e a matemática são os elementos que constituem a ciência natural moderna. A ideia da matematização da natureza já tinha sido tematizada por Platão, porém, a intervenção experimental nos processos naturais dá-se nos tempos modernos. A experiência aplica artificialmente as leis nos objetos da natureza para torna-los conhecidos. Se a natureza tivesse sido deixada ao seu acaso, ou seja, sem experiências, então, a ciência natural moderna não teria sido possível. A contradição da ciência moderna é o uso feito pela tecnologia capitalista enquanto dominação como destruição da própria natureza e do meio ambiente. Nesse sentido, é preciso questionar se o modus operandi da aplicação da ciência moderna pela tecnologia capitalista ainda garante a sustentabilidade do planeta terra.

1 – Dialética do Ser para si e Ser para uno

Em qual contexto filosófico precisa ser compreendido o debate dialético entre o Ser para si e o Ser para o Uno? É o próprio Hegel quem nos fornece tal contexto na Observação que pode ser intitulada, "Linguagem ordinária, idealidade e idealismo na

história da filosofia" a partir da pergunta: "Que modelo de coisa é isso" (Hegel, 2016, p. 166), dito em outras palavras, qual é a identidade e finalidade de uma coisa? Nisto está subjacente a dialética entre o real e o ideal a partir de sua idealidade.

Hegel recorre a alguns modelos de idealismo na história da filosofia para critica-los, e mostrar a sua deficiência:

1º) Parmênides da escola eleática, propõe um idealismo monista em que apenas trata de um polo da relação: o ser. Aqui não se encontra dialética entre dois polos, ideal e real, mas apenas a idealidade do ser.

2º) Spinoza: Hegel une a filosofia antiga e a moderna ao analisar o modelo de Spinoza que tem na substância o foco de sua filosofia como um ser real, porém, abstrato, ou seja, sem movimento entre o real e o ideal. Então, a sua idealidade é uma unidade imóvel com os elementos que a compõem. Temos um Uno ideal na substância spinozista.

3º) Malebranche propõe um idealismo que tem Deus como o uno que contém nele os conteúdos de todas as ideias e verdades das coisas sob a forma de uma representação. Há um real e ideal no uno divino como idealidade de todo o real. O problema que esse modelo é apenas uma representação em nível religioso e não filosófico. O conteúdo é aproveitável, porém, a forma de apreendê-lo é deficiente.

4º) Leibniz elabora um idealismo incomunicável, pois as suas mônadas estão fechadas em si mesmas e apenas Deus pode ordena-las mecanicamente desde sempre. Então, a mônada tem o real e o ideal das coisas copiadas em si, porém, apenas na idealidade divina.

5º) Kant e Fichte são colocados juntos em seu idealismo do Eu como dualismo entre o real (objeto) e o ideal (sujeito) na idealidade da consciência. Trata-se de um idealismo do "eu" que apreende de modo separado o Uno da consciência.

A dialética do ser para si e ser para uno tem esses momentos:

a) Ser para uno: O ser para si é a idealidade de si mesmo. Ele é ser para si e ser para uno. Assim, o ser para si está num duplo papel: (i) ele é aquele que é para uno, isto é, para si mesmo e, ao mesmo tempo, (ii) ele é aquele para o qual o uno é novamente ele mesmo. Assim, o ser para si não é um ser que é em si, mas apenas para si mesmo.

O ser para si é pura auto-idealização sem um fundamento do ser; Toni Koch de Heidelberg compara o ser para si a um vírus que tem seu próprio DNA, mas sem um metabolismo próprio. Para seu metabolismo, ele deve utilizar outro organismo como hospedeiro, para o qual se comporta negativamente ³.

O ser para si não pode se estabelecer na realidade em sua idealidade. Sua divisão interna ideal em ser para si e ser para uno não pode ser mantida. Ele é uno apenas para si mesmo e seus dois momentos desabam na "*ausência de diferença*" (Hegel 2017, 170).

Em outras palavras, o ser para si tem a estrutura lógica da autoconsciência como puro autorrelacionalidade e tem apenas a si mesmo como seu conteúdo, no entanto, é sem conteúdo, porque não está aberto às coisas do mundo e não tem relação com o outro.

O ser para si é a forma lógica da "causa sui" leve e puramente ideal que é o Eu humano, que ainda não perpassa toda a realidade. Nisso, o ser para si difere do conceito ou da ideia. O conceito também é o ser para si, mas ele é a unidade da autorrelação e da relação com outro. A ideia é a unidade do conceito e da realidade. Com efeito, o ser para si é apenas a forma preliminar do conceito. ⁴

b) Uno: O ser para si é o organismo sem metabolismo, apenas virtual, uma "causa sui" apenas ideal, não substancial. Por outro lado, ele é pura idealização de si mesmo, puro pensamento de si mesmo, mas sem um fundamento do ser. Essa é a razão pela qual a divisão ideal do ser para si em dois momentos não se mantém, mas colapsa em "*ausência de diferença que é imediatidade ou ser*" (Hegel 2017, 170).

A nova imediatidade que emerge do colapso do ser para si é um ser, uma imediatidade que se fundamenta na negação. O "significado interior" (Hegel 2017, 170) do ser para si, a divisão ideal do ser para si, desapareceu. O que resta é a imediatidade fundada na negação, um ente para si: o uno. O negar é posto como determinação da nova imediatidade, isto é, tudo o que permanece da idealização do

³ Cf. Anton Friedrich Koch: Das Sein. Erster Abschnitt. Die Qualität, In: *Kommentar zu Hegels Wissenschaft der Logik. Hegel-Studien. Beiheft 67*. Michael Quante, Nadine Mooren (Org.). Hamburg: Meiner, 2018, pp. 43-144; aqui: p. 117c.

⁴ Contra as reflexões de Henrich pode-se dizer que o Eu que não alcança o conceito não avança na determinação do mesmo. In: *Dies Ich, das viel besagt. Fichtes Einsicht nachdenken*, Frankfurt am Main, Klostermann, 2019.

ser para si é a negatividade. O ente para si não é o limite em relação a outro, mas o "limite inteiramente abstrato de si mesmo" (Hegel 2016, 170). O ser para si como ente para si ou uno deixa como ganho lógico nesta dedução especulativa apenas a demarcação abstrata, que é o pensamento do uno.

Antes de passar para a dialética do uno e do múltiplo no item B, Hegel faz uma observação metodológica sobre a dificuldade em apresentar o desenvolvimento do uno, descrevendo a proximidade e a diferença entre a lógica do ser para si e a lógica da reflexão. Henrich afirma isso sobre a dificuldade mencionada: "Mas a relação entre a forma explicativa lógica e a imediatidade dos momentos no *ser para si* reconstruído continua sendo uma das dificuldades mais consideráveis para a compreensão da lógica do ser"⁵. A dificuldade decorre do fato de que a imediatidade dos momentos da negação da forma explicativa lógica da negação autorrelacionante impede que a contradição realize sua dissolução.

Pode-se dizer: O ente para si ou uno é o ser para si na idealidade pontual e materializada. Como ente para si ou uno o ser para si está posto como ser aí do ser para si exteriorizado e diferenciado do seu conceito ideal. Existe uma contradição entre o conceito ideal e o ser aí material do ser para si, que se expressa como contradição dos momentos do conceito de uno, que se separam por causa da sua imediatidade.

Resumo: Na lógica do ser, a forma explicativa lógica da negatividade autorrelacionante está ligada à forma da imediatidade das categorias e ainda não pode se desprender dessa forma. Somente na lógica da essência é que ela se liberta da imediatidade lógica do ser e ganha tal mobilidade na qual a dissolução da contradição se torna concebível.

2 – Dialética do Uno e do Múltiplo

O ser para si contém nele o ser para uno numa dialética do ideal e real que na idealidade torna-se uno. Então, o uno é a exteriorização da infinitude afirmativa que como determinidade ou qualidade do ser entra num processo de negatividade que o

⁵ Dieter Henrich. Hegels Logik der Reflexion. Neue Version. In: Hegel-Studien. Beiheft 18, Hamburg: Meiner, 1978, (pp. 203-324), nota p. 318.

conduz a uma nova determinação. O uno move-se como um modelo expansivo do ser a partir de seu núcleo irradiador de energia negativa que se desdobra em múltiplos unos.

O uno é o ser para si desidealizado, reificado: Como ser para si pontualizado o uno é 1. relação simples consigo mesmo, pura objetividade ou reificação indeterminada, e, no entanto, 2. relação do *negativo* consigo mesmo, determinar, e 3. relação do negativo *consigo mesmo*, autodeterminar. Na forma reificada, a autodeterminação do uno assume a figura da autoexclusão do uno. Porém, o uno se exclui de si mesmo como um outro, e ao mesmo tempo, inclui o outro nele mesmo.

O uno se relaciona consigo mesmo como um outro. Por isso, ele é alheio a si mesmo e se aliena a si mesmo. Esse é o conteúdo da autoexclusão do uno. O uno é a alienação de si mesmo que é, ao mesmo tempo, a inclusão dessa alienação, sem deixar que se perca a dialética da idealidade e realidade. O uno como a matéria tem a forma da imediatidade que se torna um núcleo que tem todos os momentos anteriores estruturais do ser no seu interior: ser, nada e devir; ser aí, finitude e infinitude enquanto, suprassumidos pela qualidade/determinidade/negatividade.

O uno tem a energia negativa nele mesmo e tem a autodeterminação que se diferencia e emana de si muitos entes que são esses pontos de matéria reificada ou coisificada. A grande mudança que se opera, primeiramente, é a descida do ser para si como idealidade para a realidade. Aqui, ocorre uma exteriorização do ser para si enquanto uno-idealidade para o uno-realidade. Então, temos a unidade posta do ser que fez todo o percurso categorial até o ser para si. Trata-se de uma unificação total que inclui a relação consigo e com o outro. Essa estrutura mostra os momentos estruturantes do pensamento que se autodetermina e se complexifica em si mesmo até alcançar o máximo de unidade no núcleo central do mínimo de realidade como uno no movimento de relação consigo e com o outro (múltiplo).

Temos no uno essa unidade total que mantém os momentos concentrados nele mesmo do percurso total do ser aí e tem seu fundamento na negação permanente que vai se autodeterminando nele mesmo e tornando-se outro. Essas várias esferas que estão presentes mostram a diferenciação interna da matéria, isto é, a unidade consigo e a diferença que se relacionam a partir da negatividade. A dinâmica desse movimento é a descida da idealidade para a realidade, ou seja, a

formação do uno como outro no seu próprio ser imanente. O que temos é, então, a matéria que se energizou ao longo do percurso do ser aí até o ser para si e condensou-se no uno que contém o outro dentro de si como uma multiplicidade de outros que se excluem mutuamente na tensão infinita da realidade.

O uno como uma condensação do desenvolvimento anterior da lógica do ser aí, a realização de todas as categorias do ser aí. O uno e o múltiplo rompem com a lógica do ser aí. A pontuação, a desidealização e a reificação do ser para si, que leva ao uno, nega as relações da lógica do ser aí: "Nele mesmo, o uno em geral é; esse seu ser não é nenhum ser aí, nenhuma determinidade como relação com outro, nenhuma constituição; ele é isto: ter negado esse círculo de categorias" (Hegel 2016, 171).

O uno é a entidade pontiaguda, frágil e impenetrável na qual a ontologia do ser aí está submersa: "Nessa imediatidade simples desapareceu a mediação do ser aí e da própria idealidade e, com isso, toda a diversidade e multiplicidade" (Hegel 2017, 171). O uno não é a realização da infinitude, mas a exteriorização da infinitude.

Hegel suprassume três ontologias: o eleatismo (ser), o "todi ti" (indivíduo) aristotélico, e o atomismo de Leucipo e Demócrito (ser par si). Ele crítica a ontologia leibniziana (mônadas) e a matéria kantiana. Hegel propõe o modelo ontológico do monismo articulado, ou da totalidade em movimento. Isso quer dizer que o uno e múltiplo são forças que se excluem e ao mesmo tempo se incluem. O ponto de partida de Hegel não é a multiplicidade, mas a unidade. É dela que é emanado todo o real.

O uno é o princípio do múltiplo, ou seja, o múltiplo não é o outro do uno, mas a sua repetição exterior: "A multiplicidade não aparece, com isso, como um *ser outro*, mas como uma determinação que é completamente exterior ao uno" (Hegel 2017, 175). O uno é múltiplos unos repetidos e exteriorizados (cf. Bc. Múltiplos unos. Repulsão).

A estrutura lógica do uno e do múltiplo não é um modelo para compreender a relação entre a unidade e a multiplicidade ontológica, mas o uno é o princípio da separação numérica do múltiplo. Por isso, o modelo biológico não encontra uma explicação plausível na dialética do uno e do múltiplo. A vida e o organismo superam o atomismo do uno e múltiplo, uma vez que o organismo é um todo unitário que não

resistiria ao modelo do uno e múltiplo e seria destruído nesta dialética ainda incipiente e exterior da matéria.

Pode-se dizer que o uno e o múltiplo são como uma cama de pregos voltada para cima, sobre a qual não é possível caminhar, ou seja, viver bem. Por isso, o atomismo é a fragmentação total do real, isto é, a morte da vida.

O uno e o múltiplo também não serve para explicar a idealidade e a realidade da trindade divina, isto é, Deus que é, ao mesmo tempo, Um e Três. O uno e o múltiplo são o puro oposto disto, pois, Deus não é uno, mas uma unidade que se diferencia em três formas sem perder seu caráter de unidade.

Portanto, de acordo com Hegel, o uno, o múltiplo e o atomismo têm validade apenas no nível da microfísica. Por isso, se o atomismo for aplicado para fundamentar a organização da sociedade e do Estado, então ele será objeto de críticas de Hegel. Nem a sociedade, nem o Estado podem ser explicados de forma atomística. Por isso, ele critica o modelo contratual como uma forma de fragmentação política⁶.

A lógica do ser para si serve-se de dois modelos para explicar sua estrutura: (i) o modelo lógico da autoconsciência como modelo da consciência fenomenológica do idealismo subjetivo (ser para si); (ii) o modelo do atomismo materialista e da multiplicidade idealista (uno e múltiplo). Hegel expõe as características básicas de uma ontologia de elementos microfísicos dos quais o mundo é composto. O uno e o múltiplo ainda são determinações qualitativas do ser, de tal forma que, elas são tão abstratas que já passam para determinações quantitativas do ser, isto é, como continuidade e discrição (seção Quantidade).

A passagem entre o uno e o múltiplo seria uma explicação do lógico-real, ou seja, seria o modelo normativo ontológico hegeliano? De acordo com nossa leitura, esse não é o modelo encontrado na dialética do uno e do múltiplo da lógica do ser. Se existe um modelo ontológico normativo em Hegel, é o do conceito e da realidade, ou do conceito e da objetividade na lógica do conceito. Por isso, todos os modelos ontológicos que não atingem essa norma estão sujeitos a críticas.

⁶ "A visão atomística, nos tempos modernos, tornou-se ainda mais importante no [campo] político que nos [campo] físico. Segundo essa visão, a vontade dos *Singulares*, como tal, é o princípio do Estado; o que atrai é a particularidade das necessidades, inclinações; e o universal, o próprio Estado, é a relação externa do contrado" (Enc. 1995, Comentário § 98, p. 196).

Nesse caso, o conceito (uno) e a realidade (múltiplo) estariam operando desde o começo do lógico (estruturas do pensamento) e da lógica (categorias) como um modelo normativo a ser implementado do ser em si (Ser), negado na relação (Essência) e livre na subjetividade para si (Conceito)? Sim, isso é a verdade no sentido de que o uno é uma prefiguração do conceito, o múltiplo uma prefiguração da realidade. Mas uno e múltiplo, ainda não realizam, plenamente, a norma do conceito e da realidade.

A lógica hegeliana serve para o avanço da reflexividade e a compreensão do método dialético para o diagnóstico do real. É isso que Marx acolhe de Hegel, embora, Marx critique o monismo de Hegel elaborado a partir de uma só ideia e defenda um pluralismo de subjetividade que inclui a intersubjetividade. Marx critica Hegel por subjetivar a substância num único sujeito, isto é, na subjetividade do conceito ou da ideia.

3 – Repulsão e Atração: a derivação da quantidade e a desconstrução do conceito de matéria como forças a priori externas

A dialética do ser para si apresenta a processo dialético do uno e múltiplo e a idealização desses momentos, ou seja, os múltiplos e o uno devem passar para uma idealização. "Com isso, o desenvolvimento do ser para si está plenamente realizado e chegou a seu resultado" (Hegel 2016, 184): A quantidade é o limite qualitativo, ou seja, o limite suprassumido e idealmente posto. Em sua unidade em movimento, o uno e o múltiplo passam para a continuidade e a discrição ou a descontinuidade na ser quantitativo.

Há um percurso dramático da dialética do uno e do múltiplo, da autoafirmação e autodestruição, do mal e da reconciliação, e assim por diante. A quantificação e a matematização da natureza é um momento essencial no nascimento das ciências naturais modernas.

A lógica dos múltiplos unos no item "C" é uma lógica da contradição, isto é, um desenvolvimento levado ao extremo da contradição dos múltiplos unos. Dela surge a unidade móvel de repulsão e atração e a transição à quantidade. A contradição da repulsão afirma o ser e o não ser dos unos, isto é, os unos se

decompõem no negar de seu negar recíproco. A negação da negação não é bem-sucedida, porque o uno fixa-se na negação da negação, ele não tem resultado positivo. Mas nisso eles são iguais: "O comportamento negativo dos unos uns em relação aos outros é, com isso, apenas um juntar-se consigo" (Hegel 2016, 178).

Hegel aqui recorre à lei leibniziana da identidade das coisas indistinguíveis: "Esse pôr-se em um uno dos múltiplos unos é a atração" (Hegel 2016, 179). A lei leibniziana da identidade das coisas indistinguíveis afirma: Se o mesmo vale para x como para y , então $x = y$. Segundo Leibniz, não pode haver duas bolas de bilhar qualitativamente idênticas. Leibniz desconsidera a diferença entre identidade qualitativa e numérica porque ele abstrai o tempo e o espaço como princípios de pura diversificação pré-conceitual: intuitiva. Como Hegel, ele se move no espaço e no tempo puramente lógico.

Hegel mostra que no espaço lógico a lei da identidade de Leibniz, tanto é válida quanto não é válida. De um lado, para Hegel a repulsão são duas coisas idênticas presentes em todas as propriedades essenciais e, no entanto, podem ser duas coisas numericamente distintas. A repulsão do uno torna possível a multiplicidade. O uno tem infinitas duplicatas indiferenciadas. Por outro lado, a atração são duas coisas idênticas presentes em todas as propriedades essenciais, então elas se contraem ou sempre se contraíram em uma única coisa. A metafísica da identidade permite ambos os pontos de vista, o ponto de vista da identidade do indistinguível (atração) e o ponto de vista da diferença do idêntico (" $a = a$ " são dois " a ") = repulsão.

Há uma "dedução da quantidade em quatro passos no item Cc: A relação da repulsão e da atração" (Iber, 2021, p. 1-3) em quatro passos: (1) Repulsão e atração são ambas inicialmente relações autossubsistentes do uno e múltiplo um com o outro. (2) Depois, a própria repulsão torna-se relação, e precisamente a relação negativa dos múltiplos. Os múltiplos são combinados uns com os outros pela repulsão, na medida em que eles não apenas estão relacionados consigo mesmo, mas se excluem uns aos outros. [...] este momento da relação é, com isso, a atração na própria repulsão" (Hegel, 2016, 182). (3) O pressupor recíproco de repulsão e atração é também um pressupor-se respectivo e o ir juntos consigo no outro. O ir em conjunto da repulsão e da atração é o devir, o processo do uno e múltiplo que desaba na quantidade. (4) O pressupor-se de ambas as relações acaba sendo mediada pela

outra (como no caso do finito e do infinito). Mostra-se "que cada uma contém em si a outra como momento" (Hegel, 2016, 183). O uno se dissolve na dialética realizada do uno e do múltiplo em um puro processo do devir. O resultado desse processo é "a determinidade que se tornou indiferente ao ser, um limite que não é limite algum" (Hegel, 2016, 193): a *quantidade*. A quantidade é o "ser no qual o uno e ser determinado em si está posto, ele mesmo, como suprassumido" (Hegel, 2016, 185).

Vamos recapitular e tirar mais conclusões: A igualdade alcançada entre o ser algo e o ser outro no ser para si é a realidade do ser uno. Ou seja, o uno que é a unidade de si mesmo não é mais imediato, mas através do não ser e do outro múltiplo estão em relação infinita consigo. O uno ampliou-se até a unidade; o ser outro tornou-se um limite que retornou à unidade, não é mais uma relação ao outro, mas um limite indiferente. A unidade imediata do qualitativo passou, portanto para sua unidade consigo através do outro. É uma unidade em que o ser outro é retomado em si e no qual a negatividade está aí posta de modo indiferente, a qualidade suprassumida, passou para a quantidade. Então, a transição da qualidade para a quantidade explica-se pela sua indiferença qualitativa, ou seja, sob o ponto de vista lógico o ser qualitativo realizou a dialética da realidade e da idealidade através das categorias do ser (1), do ser aí (2) e do ser para si (3).

A estrutura das categorias da metafísica antiga e moderna que tratavam da qualidade do ser foram transformadas no seu aspecto (i) metodológico, (ii) ontológico e (iii) epistemológico. A metodologia dialética entre idealidade e realidade introduziu a mediação em pontos centrais de cada capítulo: (1) o nada é o não ser desestabiliza a identidade fixa do ser; (2) a finitude é a negação do limite externo na barreira interna como um dever ser lógico empurra o ser finito para sua idealidade; e (3) a repulsão dos múltiplos unos impulsiona a dialética com o vazio como uma força negativa imanente ao ser uno para a culminância da relação entre as forças de repulsão e de atração que são elevadas ao máximo da mediação do ser qualitativo e se dissolvem na sua indiferença imediata: ser qualitativo pronto para realizar mais uma travessia de passagem pelo ser quantitativo.

As estruturas das categorias ontológicas emergem da dialética do (1) devir que dissolve todo o dualismo fixador do real e se torna realidade no ser aí; depois, o ser aí como algo carrega em si a matriz ontológica do ser e do nada enquanto

alteridade constitutiva de todo real finito; e então, o ser finito é negado na idealidade da infinitude afirmativa; (2) da dialética da repulsão e atração o ser uno estrutura-se como momentos relacionais da realidade da repulsão entre os múltiplos unos e momentos relacionais da idealidade da atração que une imanentemente a multiplicidade dos unos na totalidade do uno.

Hegel reconstrói as teorias das ciências modernas a partir das estruturas epistemológicas da teoria da matéria, realizando a dessubstancialização da matéria compreendida como substância inerte, que apenas se move pelo impacto de pressões e forças externas. A teoria qualitativa e quantitativa da matéria é advinda das matrizes teóricas das ciências modernas que elaboram a partir da experiência as leis sobre a materialidade como fundamentação das estruturas empíricas das coisas. Hegel realiza em sua lógica uma dupla apropriação das categorias da história da filosofia e das teorias modernas das ciências que se estruturam no seu texto da *Ciência da Lógica*. Hegel faz a tradução lógica das categorias das ciências modernas, por exemplo, a passagem da seção da Qualidade para a Quantidade estrutura-se na dialética do uno e múltiplo e da repulsão e da atração. Então, a matéria é a camada das ciências físicas que subjaz como um substrato que ao longo da lógica será dissolvido em sua substancialidade para tornar-se uma ontologia fluída e maleável para constituição de novos modelos de interpretação e apreensão do real.

Então, pode-se dizer que Hegel tem presente a realidade da matéria nessa travessia da qualidade para a quantidade em considerando que a matéria⁷ alcançou um tal grau de complexidade que pode ser identificada como algo quantitativo, isto é, a matéria fragmenta-se em partes, o todo fragmenta-se quantitativamente em plantas, estrelas, asteroides, e assim ao infinito. E Hegel traduz esse fato empírico da matéria nas categorias de quantidade pura – ver debate com Kant sobre indivisibilidade e divisibilidade infinita do tempo, espaço e matéria; depois, no quantum numérico - ver debate com Kant e uso das determinações do número para a expressão de conceitos filosóficos; enfim, a relação quantitativa potencializa a matéria em sua medida específica para manter a indiferença sem medida, como salto

⁷ "Fala-se de repulsão antes de tudo no estudo da matéria, e entende-se pelo termo precisamente que a matéria, enquanto é um Muitos, comporta-se em cada um desses muitos Unos como exclusiva em relação a todos os demais" (Hegel, Enc. 1995, § 97, Adendo, p. 195).

ontológico para a reflexão de negação da essência.

Na observação sobre a construção kantiana da matéria, Hegel trata da força centrípeta e centrífuga na explicação do movimento elíptico dos corpos celestes, isto é, do movimento elíptico dos planetas sobre um corpo central (p. 191). A explicação do movimento das órbitas planetárias por meio das forças centrífugas e centrífugas sofre de um defeito igual ao movimento da matéria por meio das forças repulsivas e atraentes.

Para Hegel o modelo de forças é inadequado para explicar coisas empíricas com estruturas dialéticas em oposição umas às outras. A crítica ao modelo de forças como é compreendido pelas teorias científicas e pela metafísica considera a matéria já dada e aplica as leis de atração e repulsão para explicá-la. Pode-se dizer que isso não funciona sobre o ponto de vista empírico, porque, as leis sempre são pressupostas e depois aplica-se mediante experiências de acerto-erro a falseabilidade da experiência.

O que há de defeituoso nessa explicação kantiana é que o conceito de força não nos permite pensar a passagem recíproca das forças concebidas como autossubsistentes. Quando uma força assume o controle, a outra força desaparece sem poder emergir novamente. A matéria, portanto, encontra uma explicação melhor em Hegel sob a categoria da quantidade pura como unidade de descrição e continuidade (cf. Quantidade pura Observação 1 Representação da quantidade pura, p. 198). Aqui temos a explicação da matéria por Leibniz com a qual Hegel concorda.

O que importa, de acordo com Hegel, é conceber as forças como determinações do pensar, caso contrário elas permanecem na penumbra de uma mera representação sensual. É precisamente essa tarefa que é empreendida pela ciência da Lógica. Trata-se de criticar a metafísica das forças através de sua transformação em determinações do pensar, cuja dialética dissolve a oposição fixa da representação do entendimento e a autossubsistência das forças, assim como dissolve a pressuposição do objeto (= matéria) a ser explicado a partir das forças que é um modelo explicativo insuficiente para Hegel.

Hegel reconhece na tentativa de explicação de Kant, o fato de não se limitar a tirar a natureza ou a matéria da experiência ou tomá-la como dada na percepção, mas no esforço de procurar explicá-la filosoficamente. Kant contribui, nesse sentido,

para dar início a mais nova filosofia da natureza que é a filosofia da natureza de Schelling, embora, segundo Hegel, seja, igualmente, defeituosa como os princípios metafísicos de Kant.

3.1 - Ontologia dialética hegeliana: nova metodologia epistemológica

Hegel dessubstancializa o conceito de força, tornando-a momento da construção da matéria. Trata-se de duas construções lógicas da matéria, sendo que uma permanece no dualismo exterior e a outra, avança para o conceito de identidade processual interior. Hegel propõe as condições lógicas de uma nova ontologia da matéria.

A nova ontologia hegeliana faz parte do programa do idealismo alemão, isto é, transformar a substância em subjetividade (ver o Prefácio da *Fenomenologia do Espírito*). Nas passagens categoriais da Qualidade, Hegel opera uma desconstrução do ser substancialista entificado pela metafísica antiga e moderna. As diversas dialéticas colocadas em ação desde a tríade matricial ser-nada-devir, dissolvem o status da matéria enquanto substância como era entendida pela metafísica antiga e moderna. Hegel está dialogando ao mesmo tempo com a história da filosofia e com as matrizes científicas modernas. Por isso, o dado subjacente em todo o percurso da 1ª seção/Qualidade é a matéria enquanto substância como categoria lógica e categoria da ciência moderna elaborado pela física (cinética, dinâmica, mecânica).

Então, a nova ontologia da matéria tem como condição uma (i) epistemologia especulativa repulsão/atração pensada em sua relação dialética como uma crítica do modo de compreensão dualista kantiano; e uma (ii) metodologia crítica ao método de construção da matéria, isto é, o conceito de matéria na elaboração kantiana reproduz o modo habitual de representação tomado da experiência sensível como forças de repulsão e atração.

Kant pressupõe a matéria já dada, pré-constituída e colocada em movimento pelas forças que estão dissociadas e exteriores à matéria. Hegel elabora o conceito de matéria como unidade dialética do espaço e do tempo, do ser fora de si e da negatividade, isto é, da realidade e da idealidade. A desconstrução do conceito ontológico de matéria produz as condições de uma epistemologia em que as forças

são propriedades da própria matéria, porém, a categoria da força não será suficiente para explicar a matéria, como se verá na Lógica da Essência (3º capítulo: A relação essencial, item B. A relação de força e sua externalização).

Na Lógica, Hegel utiliza o conceito de matéria em vários significados: 1) No sentido de Kant como unidade da atração e da repulsão: "Como se sabe, Kant construiu a *matéria a partir da força repulsiva e atrativa [...]*" (Hegel 2016, 186); 2) De acordo com um dito de Leibniz como quantidade pura (Hegel 2016, 200); 3) A forma de utilização indicada no capítulo sobre a medida: A matéria como "unidade que continua, [...], na sua mudança das medidas dentro de si mesma" (Hegel 2016, 401); 4) A matéria em oposição à forma: "A matéria, o determinado enquanto indiferente, é o *passivo* frente à forma enquanto *ativo*" (Hegel 2017, 101); 5) No sentido das propriedades materiais das quais uma coisa consiste: "A coisa consiste de matérias autossustentadas, as quais são indiferentemente frente à sua relação dentro da coisa" (Hegel 2017, 149). Face a estes vários significados de matéria é preciso distinguir em sua lógica dois níveis de elaboração lexical: a) Quando ele faz uma apresentação crítica de posições filosóficas sobre a matéria e, b) quando ele desenvolve sua própria posição a respeito da matéria.

Hegel critica na seção Qualidade o conceito kantiano de matéria construído pelas determinações qualitativas de força atrativa e repulsiva. A partir da seção Quantidade, Hegel parece ter uma visão mais afirmativa da determinação da matéria na lógica do ser. Parece-nos que a matéria, no sentido de Hegel, é o substrato material indiferente subjacente a todas as determinações da lógica do ser (qualidade, quantidade e medida) que ele está desconstruindo para propor uma nova ontologia que supere o conceito de substância metafísico antigo e moderno. É bastante claro que a tematização da matéria na lógica da essência é uma referência a posições que Hegel apresenta de forma crítica e desconstrucionista, apenas, depois, ele irá explicitar sua teoria da matéria na efetividade como relação de substancialidade.

Considerando que a transição da qualidade para a quantidade acontece a partir da dialética do uno e do múltiplo, da repulsão e da atração coloca-se a questão do lugar que o conceito de matéria tem na lógica de Hegel, levando em conta que não se deve separar o desenvolvimento lógico das ciências empíricas, isto é, Hegel

mantém o diálogo com as ciências modernas no que diz respeito a teoria da construção da matéria que explicitaremos abaixo.

3.2 - O conceito de matéria em Hegel

De acordo com Hegel, a explicação de Kant da matéria pelas determinações qualitativas da força repulsiva e atrativa é defeituosa, porque, ele pressupõe a matéria a ser deduzida e, então usa as categorias qualitativas para deduzir a matéria. A explicação qualitativa da matéria é, portanto, falha. Uma explicação quantitativa da matéria como unidade da discrição e continuidade é mais apreciada por Hegel. Porém, ele critica também a determinação de Descartes da matéria como substância (*res extensa*) enquanto extensão quantitativa. Em última análise, a matéria é para Hegel o substrato de todas as categorias da lógica do ser, ou seja, o substrato indiferente de todas as categorias da lógica do ser.

Nossa hipótese é que o desenvolvimento na lógica do ser pode ser entendido como movimento da substancialidade à subjetividade, desde o 3º capítulo da 1ª seção, Qualidade, da Lógica do ser: Ser para si, quando Hegel afirma: “A autoconsciência, ao contrário, é o *ser para si* como *realizado* e posto. A autoconsciência é, assim, o exemplo mais próximo da presença da infinitude – de uma infinitude abstrata que, contudo, ao mesmo tempo, é determinação mais concreta totalmente diferente do que o ser para si em geral” (id. p. 164). Então, esse movimento de transformação da substância em subjetividade já está trabalhando na Lógica do Ser como pressuposto, e será posto na transição da Lógica da essência para a Lógica do conceito. Portanto, a desconstrução da substancialidade no contexto da lógica do ser é uma condição pressuposta para a nova ontologia da matéria hegeliana.

De fato, a matéria não é uma categoria do ser qualitativo. Assim, como na *Filosofia da Natureza* de Hegel, o espaço, o tempo e a matéria derivam do campo da quantidade, da mesma forma, na Lógica, a explicação correta da matéria começa apenas com a quantidade, que é completada na lógica da medida e na lógica do sem medida. Porém, a matéria já está pressuposta na Qualidade e posta na Quantidade.

Não há um abismo entre a lógica e as ciências empíricas; ao contrário, a preocupação de Hegel é desenvolver as categorias que as ciências particulares utilizam, mas não explicam, tais como o conceito de matéria. Hegel se preocupa em averiguar o que é a matéria conforme seu conceito.

Resumindo: Hegel se volta (1) contra a concepção dinâmica da matéria de Kant, segundo a qual à matéria são atribuídas as propriedades qualitativas da repulsão ou resistência e atração, mas também (2) contra a concepção da matéria de Descartes, segundo a qual a matéria é uma substância (*res extensa*) cuja única propriedade é a extensão quantitativa. Hegel atribui a concepção da matéria de Leibniz à quantidade pura, não ao quantum.

A própria posição de Hegel surge da visão, sustentada pela apresentação lógica e crítica das categorias da qualidade e quantidade, que procura superar a deficiência de ambas as direções. A matéria não deve ser entendida meramente como um processo de qualidades opostas, quer dizer, dinamicamente, nem meramente como substância indiferente (*res extensa*) no sentido da extensão quantitativa, mas como um substrato unitário e indiferente que está subjacente a todas as determinações do ser de uma forma indiferente e sem reflexão.

O termo "matéria" é, portanto, introduzido explicitamente – não apenas no contexto de uma observação – em conexão com o "sem medida" na lógica do ser. A matéria é considerada como aquela "unidade contínua" que é indiferentemente preservada na alternância das determinações qualitativas e quantitativas.

Com a transição do Ser para a Essência, o conceito de matéria é ressignificado em dois níveis estruturantes: 1º) Na dialética da reflexão do aparecimento, 2ª seção, A existência, item B. O consistir da coisa em matérias e a dissolução da coisa. Aqui, Hegel discute na Observação: "A porosidade das matérias"; 2º) Na dialética da relação da substancialidade, Hegel dissolve o substrato na interação da relacionalidade da reflexividade essencial. O conceito de matéria atravessa toda a lógica, no contexto de posições filosóficas a serem criticadas e incorporadas e traduzidas em novas categorias lógicas. 3º) Na Lógica do conceito a objetividade já alcançou a idealidade da matéria no objeto químico como objeto teleológico na "finalidade subjetiva" como executada. Portanto, em sua idealidade, a reflexão da essência e do conceito pressupõe substratos materiais para dissolve-los, isto é, a

idealidade transfigura a substancialidade material em uma subjetividade ideal. A matéria toma a forma do seu conceito em sua nova ontologia pela dialética na lógica do ser, na lógica da essência e do conceito: o conceito de matéria alcança sua plenitude na ideia absoluta.

4 – Movimento e estrutura: lógica do ser e lógica como um todo

O ser para si como a idealidade infinita e transparente de si mesmo (o pôr de si mesmo do Eu da autoconsciência) não foi capaz de se manter como uma categoria e colapsou no uno como realidade mais dura e limite abstrato de si mesmo. Essa perda do ser para si é seguida pela recuperação gradual do ser para si, que ocorre na dialética do uno e do múltiplo e na unidade da repulsão e da atração. Esse restabelecimento do ser para si repete o desenvolvimento do finito para o infinito de uma forma mais concreta e restabelece a idealidade. No final, o processo do uno contém o uno que está posto "por todos os lados como um suprassumido", como ideal (Hegel 2016, p. 184).

A unidade processual do infinito contém dentro de si o infinito e o finito enquanto suprassumidos, da mesma forma, a unidade da repulsão e da atração é um devir que desaba na "imediatez simples" (Hegel 2016, p. 184) do ser e adquire a determinação da quantidade.

Em sua idealidade o uno suprassumido é ainda limite, mas limite suprassumido. O uno ou o limite que se repele de si mesmo é o momento da discricção na quantidade. Na atração, a "rigidez absoluta do uno que repele se dissolveu nessa unidade, na qual [...] como unidade do ser fora de si é unidade consigo mesma" (Hegel 2016, p. 197), o momento da continuidade. Isso marca a transição para a lógica da quantidade. A repulsão e a atração estão presentes, novamente, na forma de dois momentos: discricção e continuidade.

No ser para si a qualidade está plenamente realizada, na medida em que ela passa para a quantidade. Trata-se, contudo, primeiramente da quantidade pura, ainda não da quantidade determinada ou limitada, do quantum. O quantum é então mais próximo ao número. O número tem "o uno como elemento" (Enc. I, § 100); ele é a unidade de um valor numérico determinado de unos.

Compara-se as duas transições principais da lógica uma com a outra, o fim da lógica da essência com a substância e a interação aparece como uma promessa encorajadora, que é alcançada pela lógica do conceito com a subjetividade do conceito. O fim da lógica do ser, pelo contrário, aparece como uma catástrofe da qual para o pensar só resta um salto de salvação para uma essência ainda escura.

A contradição no final da lógica do ser surge da seguinte maneira: O ser passou do estado da qualidade para o da quantidade. O motor desse movimento lógico é a contradição, que, como algo a ser evitado, não pode ter seu fim. A contradição da qualidade levou à quantidade no final da dialética do uno e do múltiplo. Mas a contradição se faz sentir cada vez mais também no progresso da lógica da quantidade.

Um novo salto ou transição agora se dá de volta ao estado da qualidade. Com isso, o ciclo da lógica do ser da qualidade para a quantidade e da quantidade de volta para a qualidade está quase plenamente realizado. Segue-se a lógica da medida, que começa com a unidade imediata da qualidade e da quantidade, depois discute a fundamentação quantitativa das qualidades, e finalmente culmina no passar contraditório uma na outra da qualidade e da quantidade, e vice-versa, na linha nodal das relações de medida, que por sua vez, passa para o sem medida. Com isso, o grande ciclo da lógica do ser da qualidade para a quantidade e de volta da quantidade para a qualidade, como ele se apresenta primeiramente à apresentação, na lógica da medida está desdobrado e "posto" também para o pensar apresentado do ser das categorias da medida (cf. Hegel 2016, p. 345).

Finalmente, emerge a contradição fundamental na qual a lógica do ser se contrai como um todo: a contradição da indiferença absoluta. O ser emerge como um substrato indiferente, no qual as qualidades e quantidades estão apenas mudando de estado. A indiferença absoluta é o substrato inconsistente de dois estados opostos inconsistentes, ou também, como Hegel diz, a relação inversa de seus dois fatores (Cf. Hegel 2016, 404).

Então, na indiferença absoluta o ser puro imediato retorna, que no início da lógica passou através do devir ao ser aí alterável e na dialética do algo e outro, ou seja, a contradição absoluta do ser como indiferença absoluta não pode mais ser remediada pelo devir, como no início da lógica. Uma conclusão sem contradições da

lógica do ser não está em perspectiva. Ao contrário, a apresentação tem diante de si a "contradição omnilateral" (Hegel 2016, p. 408) e a "indiferença absoluta" como "a última determinação do ser" (Hegel 2016, p. 412). Nesse abismo todas as determinações lógicas do ser (qualidade, quantidade, medida) se dissolveram como no *ápeiron* de Anaximandro.

A contradição da indiferença absoluta não deve ser remediada apenas pelo recurso ao devir e nem pelo recurso a outras categorias lógicas anteriores da lógica do ser (idealidade do ser para si, realidade do uno, quantidade, etc.). Na indiferença absoluta, o ser se mostra na totalidade como pura auto-negação e autodestruição. A lógica do ser sofreu, portanto, definitivamente um naufrágio. O progresso lógico exige um passo radical, o salto para uma outra esfera lógica: a esfera da essência.

Com a transição para a essência, o ser se mostra na totalidade como aparência, e precisamente no início como aparência absoluta ou reflexão. Na lógica da essência, a idealidade do ser é repetida de forma intensificada: a essência é ser suprassumido dentro de si, ser idealmente posto. Enquanto a aparência relativa é uma aparência enganosa que é penetrável, quer dizer, é permeável a uma aparência que aponta para o que é realmente o caso, quer dizer, para uma realidade verdadeira, isso não é mais o caso com aparência absoluta.

A aparência absoluta é dentro de si opaca, sem realidade. Nessa aparência absoluta, o pensar, por assim dizer, fica no seu próprio caminho e obstrui a possibilidade da transcendência a uma realidade que é em si. A janela do pensar para o ser real se torna um espelho no qual o pensar se reflete apenas a si mesmo. "A aparência é o mesmo que a *reflexão*, mas ela é a reflexão enquanto *imediata*, para a aparência que foi para dentro de si e que, com isto, tornou-se estranha à sua imediatidade, temos a palavra da língua estrangeira, a *reflexão*" (Hegel 2017, p. 42).

A reflexão se diferencia na reflexão ponente, exterior ou real e determinante. A primeira seção da lógica da essência trata da aparência absoluta determinada ou da reflexão e suas determinações: identidade, diferença, diversidade, oposição, contradição e fundamento. As determinações da reflexão são determinações do pensar que aparece para dentro de si e para dentro de outro real da reflexão determinante. A segunda seção discute então o aparecimento (existência, coisa, lei e relação essencial), a terceira seção a efetividade substancial (substância-acidente,

causalidade e interação). O ser real da substância não é imediatamente acessível, como parecia o ser na lógica do ser, mas apenas através dos esforços mediadores do pensar.

Trata-se de um longo percurso do pensar que pensa a si mesmo da reflexão na lógica da essência até que esse pensar da reflexão alcance o ser real, substancial, a partir do qual então, na transição para a lógica do conceito, ocorra o salto para a subjetividade do conceito. A idealidade autotransparente da subjetividade do conceito é o sucessor promissor da idealidade do ser para si da lógica do ser que é sem poder sobre o ser e da reflexão sem realidade da essência que somente pela auto-alienação chega ao ser substancial. A idealidade da subjetividade do conceito se mostrará ser poderosa sobre o ser da objetividade.

A subjetividade do conceito não é apenas a idealidade do ser para si e a reflexão sem realidade da essência, mas o ser em si e para si posto, o absoluto produzido pelo pensar e, com isso, a unidade da idealidade e da realidade. O ser em si e para si é um ser posto que é, ao mesmo tempo, totalmente para si e também completamente real. A lógica do conceito se divide, primeiro, na subjetividade: conceito, juízo e silogismo; segundo, na objetividade: mecanismo, quimismo e teleologia; e terceiro, na ideia como unidade do conceito e da objetividade: vida, conhecer e método, quer dizer, a retrospectiva do caminho da lógica, na qual todo o andamento da lógica está suprasumido.

Essa ideia absoluta então deixa sair livremente a si mesma na exterioridade do espaço e do tempo e assim traz à tona a natureza, da qual finalmente a ideia retorna a si mesma como espírito. Mas disso não se trata mais a lógica, mas a assim chamada filosofia real, a filosofia da natureza e a filosofia do espírito.

Considerações finais

O ser para si concentra em si a totalidade das dialéticas da Qualidade já explicitadas, de modo especial, a dialética finito e infinito. Numa leitura estrutural o Ser determinado alcançou sua última determinação qualitativa no Ser para si, porém, essa unidade mantém sob o ponto vista metodológico dentro de si o pulsar inicial da negação determinada, isto é, a negação do algo como diferente do ser aí, e ao mesmo

tempo, a negação de seu conteúdo em si mesmo, como dupla negação. Então, o Ser para si carrega dentro de si uma oposição entre o seu ser real e seu ser ideal que precisa avançar em uma nova determinação de seu conteúdo como sua idealidade. Para isso, o Ser para si retorna a sua imediatidade para uma nova mediação entre seu ser real e seu ser ideal através das categorias de uno e do múltiplo que na história da filosofia encontra-se no embate dos atomistas e Platão, e que nas ciências modernas é tratado pela física em suas leis de repulsão e atração como forças opostas. O átomo modernamente compreendido consiste de nêutrons e elétrons, portanto, não é indivisível.

O conceito do ser para si tem o ser para uno imanente nele mesmo como exteriorizado de sua identidade enquanto um momento para o Uno. O ser para si exterioriza-se no sentido de diferenciação de sua identidade imediata como real e ideal tendendo para sua idealidade.

A contradição do conceito do ser aí e do ser para si é mantida pela metodologia imanente ao ser aí, como realidade e negação. Essa contradição indica um déficit da categoria do ser para si enquanto sua oposição entre o real e o ideal não alcança sua idealidade como ser Uno posto. O déficit da categoria do ser para si é sua falta em explicitar o real em sua idealidade como negação, pois, ao alcançar a sua imediatidade tende a fixar-se em sua unidade indiferenciada. Então, as dialéticas do ser aí que ele conserva em si tencionam sua imediatidade para passar novamente à lógica do ente enquanto multiplicidade.

O fundamento dessa transição é a negatividade como um desdobramento imanente no ser para si entre os polos opostos 1) entre identidade da identidade (1ª negação) e identidade da diferença (2ª negação), que se desdobra em negação da negação, ou negação determinada de seu próprio conteúdo; 2) entre ser para si e ser para uno como opostos em sua mediação; 3) entre sua unidade e multiplicidade de unos, de um lado, como unos inseparáveis e, de outro, como separáveis. A contradição dos polos opostos retorna a sua imediatidade que precisa retornar ao seu fundamento como negatividade autorrelacionante dos polos do uno e do múltiplo.

O ser para si é uma categoria que é a concentração do real e do ideal de todas as categorias da Qualidade na idealidade do ser para o Uno. O ser para si em sua

idealidade não é sustentável, porque ele precisa explicar o avanço categorial do Ser em sua dedução do Uno para o múltiplo, ou seja, como o ser para si pode explicar que o Eu se articula com os múltiplos Eus, como o Espírito se diferencia e se identifica com a Natureza, como Deus se relaciona imanentemente como divino e emana-se como criando a autorrelacionalidade com o mundo. Trata-se do ser para si sair de sua “zona de conforto” e aventurar-se em uma nova imersão no real e no ideal para alcançar sua idealidade como Quantidade qualitativa determinada.

Referências

- HEGEL, G. W. F. *Ciência da lógica. A Doutrina do Ser (1832)*. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.
- HEGEL, G. W. F. *Ciência da lógica. A Doutrina do Essência (1813)*. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.
- HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio (1830)*. Vol. I. A ciência da lógica. São Paulo: Loyola, 1985.
- HEGEL, G. W. F. *Theorie Werkausgabe*. K. Michel, E. Moldenhauer (Orgs.), Vol. 5, Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1969-1971.
- HENRICH, D. *Dies Ich, das viel besagt. Fichtes Einsicht nachdenken*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2019.
- HENRICH, Dieter. *Hegels Logik der Reflexion*. Neue Version. In: Hegel-Studien. Beiheft 18, Hamburg: Meiner, 1978.
- IBER, Christian; BAVARESCO, Agemir. *Comentários da lógica do Ser para si*. Seminário PPG Filosofia. Porto Alegre, semestre 2021/1. Material digital.
- IBER, Christian. *Dedução da quantidade em quatro passos no item Cc: A relação da repulsão e da atração*. Seminário PPG Filosofia. Porto Alegre, semestre 2021/1. Materiais digitais.
- ORSINI, Federico. *Comentários sobre o Terceiro capítulo: A. O ser para si; B. Uno e múltiplo; C. Repulsão e atração*. Seminário PPG Filosofia. Porto Alegre, semestre 2021/1. Materiais digitais.
- KOCH, Anton Friedrich. Das Sein. Erster Abschnitt. Die Qualität, in: *Kommentar zu Hegels Wissenschaft der Logik*. Hegel-Studien. Beiheft 67. Michael Quante, Nadine Mooren (Org.). Hamburg: Meiner, 2018.